

L. Marie Adeline

**S.E.C.R.E.T.
Partilhado**

Tradução

Maria das Mercês de Sousa

Para Cathie James, pelas suas palavras sábias, sempre...

DEZ PASSOS

Primeiro Passo: Rendição

Segundo Passo: Coragem

Terceiro Passo: Confiança

Quarto Passo: Generosidade

Quinto Passo: Ousadia

Sexto Passo: Convicção

Sétimo Passo: Curiosidade

Oitavo Passo: Bravura

Nono Passo: Exuberância

Décimo Passo: Decisão

Prólogo

Dauphine

Desatei a rir porque não havia mais nada a fazer. Aquilo estava mesmo a acontecer. O homem estava mesmo ali, em tronco nu e a mim parecia-me a coisa mais natural do mundo um homem, metido até aos joelhos nas águas quentes do rio Abita, pedir-me que me despisse. A água escurecera-lhe os *jeans*, enrolados até às musculadas barrigas das pernas.

– Aceita o Passo, Dauphine? – perguntou-me, estendendo o braço bronzeado.

Em vez de lhe responder com um «sim» e de me meter na água para ir ter com ele como me apetecia, fiquei na margem relvada, arrependida de ter subido a bainha ao meu clássico vestido verde de Verão. *Não parecerei mal, vestida assim? E se ele não se sentir atraído por mim? E se formos apanhados? E se eu não for boa? E se me afogar? No fundo nado muito mal. Aliás, sempre tive medo da água.* Estávamos escondidos por trás das roseiras e das malvas cor-de-rosa que desciam em direcção ao rio, mas o medo não me largava. *Controlo e confiança,*

confiança e controlo. Os meus dois demónios. Porquê naquele momento? Não pagara os meus próprios estudos? Não abrira uma loja de roupa clássica antes, sequer, de me formar? Não ultrapassara recessões e furacões, rebocando-a atrás de mim com a ferocidade de um herói a socorrer um camarada ferido em combate? Sim, fizera aquilo tudo com disciplina, controlo e mão firme no leme.

Aceitar o convite daquele estranho era o mesmo que convidar a minha vida a mudar de direcção, a entrar num mundo novo cheio de espontaneidade, perigo, desejo e talvez desilusão, num mundo onde teria de desistir de algumas regras, onde teria de aprender a confiar nas pessoas. No entanto, apesar de toda a minha fanfarronice na Casa do Estábulo, de repente não me sentia com vontade de deixar que as coisas corressem como me tinham dito, como jurara a mim própria.

Mas, raios, aquele homem era lindo – e muito mais alto do que eu. Bem, com o meu metro e sessenta, eu era mais baixa do que a maioria dos homens. Aquele tinha um ar desenvolvido e cabelos castanhos desgrenhados aos quais o sol dera um tom acobreado. Não conseguia dizer se os olhos eram verdes ou azuis, apesar de não os desviar de mim. O Sol estava cada vez mais quente, a ponto de os meus cabelos me parecerem um véu longo e pesado. Tirei lentamente as sandálias, sentindo a relva fria debaixo dos pés. Talvez conseguisse entrar na água devagarinho, pensei, ouvindo-o perguntar-me de novo, com toda a paciência:

– Aceita o Passo? Só posso perguntar mais uma vez.

Vai. Agora. Tens de ir. Senti as mãos a subir por vontade própria na direcção do nó que me prendia o vestido na nuca e desatá-lo. Puxei o *top* para baixo e mostrei-lhe os seios, desviando o olhar. Tinha de me apressar antes que o terror me fizesse mudar de ideias. *E se o meu corpo o desiludisse? E se eu não fosse o tipo dele? Pára de pensar. Mexe-te.* Levei as mãos às costas, abri o fecho, deixei cair o vestido na relva, enrolei as cuecas pelas pernas abaixo e endireitei-me, nua, exceptuando a pulseira de ouro que tinha no pulso esquerdo.

– Aceito isso como um sim. Entre, coisa bonita. A água está morna.

Comecei a andar com o coração aos pulos, tapando os seios e o ventre. Experimentei a temperatura da água do rio com um dedo do pé, vi que estava mais quente do que pensava e avancei na direcção do homem por cima das rochas cobertas de musgo, vendo o fundo do leito e sentindo-me segura.

À medida que me aproximava, a diferença de alturas tornava-se quase hilariante, o suficiente para transformar o momento sensual numa anedota. O homem devia ter quase dois metros! Porém, antes que desatasse a rir, as mãos dele dirigiram-se para o botão das calças, fazendo-me parar. *Olho para ele? Não olho para ele?* A minha educação sulista fez-me virar para esconder o rubor e fixei o olhar num carvalho distante.

– Não precisa de se virar.

– Estou nervosa.

– Não tenha medo, Dauphine, só nós é que estamos aqui.

Ainda de costas para ele ouvi um leve chapinhar e o som de tecido a raspar em pele. Por fim o homem atirou os *jeans* por cima da minha cabeça e aterraram na margem, ao pé de umas botas gastas, das minhas sandálias e do meu vestido verde.

– Pronto! Agora também estou nu.

Ouvi-o atravessar o rio na minha direcção e pouco depois senti-o encostado às minhas costas.

Senti-lhe o queixo no alto da cabeça e depois o rosto a roçar-me pelos cabelos e pelo pescoço. *Jesus*. Fechei os olhos, respirei fundo e inclinei a cabeça para lhe dar mais espaço, adivinhando-lhe o desejo, igual ao meu. Era como se tivesse os sentidos electrificados. A minha pele, aquecida pela água, arrefecida pelo ar e acariciada pelos dedos dele, parecia um formigueiro. O vento transportava os cheiros do Sul – a relva cortada, o rio, as magnólias. *Eu quero isto. Eu quero isto. Eu quero-o! Estou a hesitar porquê? Por que não me viro para ele? O homem está aqui apenas para me agradecer. O meu único obstáculo é a minha aselhice.*

Então ele pousou-me as mãos nas ancas e ouvi de novo a minha voz interior, alta, insistente, com o sotaque da minha mãe. *Ele acha que és muito flácida, que tens curvas a mais, que és muito baixa. Se calhar o tipo não gosta de ruivas.*

Fechei os olhos com força e então ouvi um grunhido baixo, de aprovação. Okay, *o tipo gosta daquilo em que está a tocar*. O homem aproximou a boca do meu ouvido, ao mesmo tempo que me puxava para ele pelas ancas e recuava para o meio do rio, murmurando:

– Você tem uma pele incrível. Parece alabastro.

O tipo está a mentir; disseram-lhe para dizer isto. Pedi à minha voz crítica que se calasse, que se pusesse a andar dali.

– Vire-se, Dauphine. Quero olhar para si.

Deixei cair devagar os braços, tocando com os dedos na água, abri os olhos e virei-me para o peito dele, sentindo-lhe o desejo na barriga. *Está mesmo a acontecer! Não pares!* Inclinei a cabeça para trás e olhei-lhe para o rosto belo e tranquilo. E então senti-me levantada do chão, tão depressa e com tanta habilidade que gritei de alegria, ao mesmo tempo que o estômago me entrava em alvoroço. Comigo ao colo, o homem deu um passo e mergulhou-me aos poucos no rio.

– Está fria! – arquejei, agarrando-me a ele com força.

– É só um momento – murmurou, mergulhando-me por completo. Sentindo-me segura, entreguei-me a ele e ao rio, esticando-me, flutuando, inclinando a cabeça, deixando mergulhar os cabelos centímetro a centímetro. *Lá vamos nós...*

– Exacto, descontraia-se. Não se preocupe que não a largo.

Senti-me maravilhosamente leve. A água não era nada assustadora. Fechei os olhos, deixei os cabelos espalharem-se à vontade pela superfície do rio e pela primeira vez, após muito tempo, senti um sorriso nos lábios e no rosto.

– Parece a Ofélia.

Segurando-me só com um braço, o homem acariciou-me uma perna, depois a coxa, fez uma pausa ao chegar à virilha e seguiu para o estômago, onde beijou a água criada pelo meu umbigo.

– Isso faz cócegas – disse, de olhos fechados. *Estás sem peso nenhum, Dauphine. Estás divina, o teu corpo é maravilhoso.*

– Sim? – sussurrou, passando-me a mão pelas curvas do corpo, amparando-me, explorando-me a coninha. *Oh, meu Deus.*

– Um pouco – respondi, abrindo o corpo como se ele fosse uma estrela-do-mar para poder flutuar melhor, adorando o que a água me estava a fazer à pele, aos bicos dos seios, duros, prontos a serem colhidos. Abri os olhos e vi-o, com o desejo no rosto, a baixar-se para me beijar os seios, ao mesmo tempo que a mão me abria as pernas.

– E isto? – perguntou, metendo-me dois dedos na coninha.

– Não, isso não – repliquei com um arquejo, sentindo uma onda de calor a percorrer-me o corpo. *Não acredito*, pensei enquanto me acariciava a coninha, primeiro com gentileza e depois com mais insistência, sentindo ao mesmo tempo a água a percorrer-me o corpo, ondulante, uma combinação que me fez apressar a respiração, prestes a vir-me... Contive-me para poder saborear a sensação. Arqueei as costas ao de leve para que ele me penetrasse mais fundo, metendo a cabeça quase toda debaixo de água, a ponto de os cabeços me cobrirem o rosto. Imaginei-os a formar uma coroa de fogo.

– Você é um espectáculo, Dauphine – murmurou, fodendo-me gentilmente com os dedos, ao mesmo tempo que me impedia de me afogar. De repente senti-o abrir-me as pernas e antes que tivesse tempo de me agarrar a ele para o obrigar a possuir-me, senti-o a beijar as gotas de água que me perlavam as coxas. O calor dos lábios, a água e os dedos criaram uma sensação tão intensa que comecei a bater com as mãos, com medo de me afogar. Em seguida o homem pegou-me nas pernas com

a maior das facilidades, atirou-as por cima dos ombros, ficando com o rosto entalado entre as minhas coxas, voltou a agarrar-me e eu vi-o mergulhar-me a língua na coninha. Só percebi a diferença entre a água a bater-me na pele e a boca dele quando a língua, quente e insistente, ajudada pelos dedos, encontrou o clítoris. *Ahh...* Arqueei as costas e abri as pernas por instinto, esfomeada, mantendo o rosto acima da corrente e os ouvidos debaixo de água. O rio intensificava o êxtase que eu sentia enquanto a língua dele desenhava círculos em volta da minha coninha, ao mesmo tempo que os dedos entravam e saíam e a outra mão, aberta, me amparava... *santo Deus*. Então o homem levantou a cabeça e abocanhou-me os bicos dos seios, lambendo-mos, mordiscando-mos. Penso que ele sentiu antes de mim a tensão que se apoderou do meu corpo, os meus joelhos a apertarem-lhe os ombros, as minhas mãos a abrirem-se para o Sol. *Sim...*

A primeira onda foi quente e familiar. *Sim, lembro-me disto*, pensei, sentindo-a intensificar-se, a transformar-se numa coisa cada vez mais profunda, a ponto de me fazer gritar. Os dedos do homem não paravam, assim como a língua, que continuava a fazer círculos cada vez mais rápidos. Desatei a rir quando aquilo aconteceu, quando me vim uma, duas vezes, submersa por onda após onda de prazer, contorcendo-me, apertando-lhe a cabeça e os ombros, até que por fim, com os seios a arfar ao sol, voltei a mim.

Enquanto me apaziguava, o homem fez-me flutuar na direção da margem, como um barco de papel, murmurando:

– Que bom...

– Mas... ainda não acabou, pois não? – perguntei-lhe, escaranchada nele.

Já mais perto da margem tacteei com os pés, senti umas pedras e endireitei-me, sentindo a água a escorrer-me pelos seios abaixo. Afastei os cabelos do rosto, tonta, exausta, saciada.

– Não a posso levar mais longe neste passo, Dauphine. Não queria, mas não tenho outro remédio – disse ele, dirigindo-se para a pequena praia pedregosa onde se encontravam as nossas roupas e duas toalhas brancas. O homem largou-me a mão, subiu para a margem com a água a brilhar-lhe nas costas, virou-se e deitou-me na relva. Estremeci quando ele pegou numa das toalhas e começou a esfregar-me, puxando-me para ele, aquecendo-me.

– Sinto-me tão... não sei o que hei-de dizer.

– Não precisa de dizer nada. O prazer foi todo meu – replicou, virando-se para também se secar. Apertei a toalha em volta do corpo enquanto ele vestia os *jeans* e uma *T-shirt* branca que se lhe agarrou ao tronco húmido. Em seguida o homem aproximou-se de novo de mim, pegou-me no rosto com as duas mãos e deu-me um beijo prolongado. – Estou a falar a sério, Dauphine. O prazer foi todo meu – acrescentou quando me largou, plantando-me um beijo final na testa, virando-se na direcção da casa e desaparecendo numa esquina coberta de hera.

Apeteceu-me gritar-lhe obrigada por me deixar tão bem naufragada, mas a voz continuava-me debaixo de água com partes do meu antigo corpo, as partes que tinham medo de se

render, de querer aquilo, de acreditar que era possível receber prazer e limitei-me a rir, pensando: *Consegui, deixei que esta coisa maravilhosa me acontecesse!*

Peguei no vestido, deixei-o cair sobre as pernas molhadas e, quando o alisava nas ancas, senti qualquer coisa numa das algibeiras e peguei nela. Uma pequena caixa cor de púrpura. No interior, aninhada numa nuvem de algodão, encontrava-se uma medalha de ouro. Peguei nela com um baque no coração e vi numa das faces o algarismo «I» em numeração romana e na outra a palavra *Rendição*.

É minha, pensei, prendendo-a no fio que usava há três meses.

Subi o talude na direcção do carro e, ao passar por um muro de pedra coberto de buganvílias, acariciei as minúsculas pétalas cor-de-rosa. *Conseguiste. Entregaste-te. Chegou a hora de dar os Passos seguintes na direcção de uma vida nova e para longe das tais vozes, daquele desgosto, do teu triste passado.*